

Penélope
Vergueiro



SINOPSE	3
PROPOSTA DE ENCENAÇÃO	4
HISTÓRICO DA PEÇA	5
RELEASE	6
FICHA TÉCNICA	7
CURRICULOS	8
A CIA.	13

SINOPSE



O espetáculo, Penélope Vergueiro é inspirado num fato presenciado na Rua Vergueiro, em 2005: um carro colide com outro inúmeras vezes e tenta atropelar o motorista quando esse tenta fugir. Num dos carros a esposa, noutra o marido e a amante. A 1h11, quando o sinal estava vermelho.

(...) um fato, um acidente envolvendo personagens de um triângulo amoroso, nada mais cotidiano e banal, e é exatamente por ser esse fato tão "prosaico" que ele ganha vulto, que se mostra absurdo, todos olham o seu desdobramento, o espancamento da esposa pelo marido traidor, sem fazer nada. Esse é o mote para que as três atrizes construam o mais visceral espetáculo sobre o feminino.

FLÁVIA MARQUETTI, CRÍTICA DO FESTIVAL DE ARARAQUARA

PROPOSTA DE ENCENAÇÃO

A partir da narrativa de um acontecimento real presenciado nas ruas de São Paulo, a obra percorre os diferentes olhares da mulher em relação ao amor e a imagem do próprio feminino em relação à sociedade. A potência de um acidente de carro motivado pela traição do marido é o fio que conduz o espectador a seguir a trajetória de três atrizes, três mulheres que destrincham a força e o ridículo, o prazer e natureza incontrolável do feminino.

Penélope Vergueiro propõe um intenso quebra-cabeça sobre o amor/ desamor e suas possibilidades, revelado ora pela narrativa, ora pela dança, ora pela simplicidade do ato performático, da ação crua e, por isso mesmo, extremamente poética. Os objetos são retirados do cotidiano, associados



comumente ao dia-a-dia da mulher, mas encontram na cena uma função que eleva seu caráter simbólico.

Encenada para palcos cuja distância entre público e atrizes seja quase imperceptível, a peça explora as lacunas do tempo, a possibilidade do contato real e constante com o público, o contato, a potência da imagem no compartilhar da experiência humana.

Penélope Vergueiro é um caleidoscópio de imagens - com a mesma potência flagrada quando um carro colide no outro, transformamos nossos corpos em cena e as ações atrim e/ou completam – nossos corpos dizem do que nem sempre a palavra é capaz de dizer – e o valor de cada ação

se presentifica na manutenção do risco real, na inexorável presença que o ato performativo requer para que a arte aconteça. Como um acontecimento único, que só quem está presente pode vivenciar, é que a peça apresenta-se ao público, partícipe espontâneo e indesejado, como qualquer pessoa que ao andar pelos quarteirões de sua cidade pode ser ao deparar-se com a teatralidade inesperada e constante das ruas.

A cena inicial com a batedeira de bolos é de arrancar as entranhas de qualquer mulher, assim como a cena da camisinha, ou a poética, se posso usar esse adjetivo, cena em que uma das atrizes limpa o chão com o corpo da outra, transformando-a em escovão ou "aspirador de pó", enquanto canta uma bela canção de amor, de espera pelo amado. A trilha sonora impecável, assim como a iluminação e atuação das três atrizes.

FLÁVIA MARQUETTI, CRÍTICA DO FESTIVAL DE ARARAQUARA

HISTÓRICO DA PEÇA

PENÉLOPE VERGUEIRO

Texto e direção de Carlos Canhameiro/ 2011

Estreia e temporada no Centro Cultural São Paulo, contemplado pelo Edital dos Teatros Distritais de São Paulo, com o apoio da Secretaria da Cultura do Município de São Paulo /2011.

SESC Ribeirão Preto - Out /2014

Mostra de Fomento ao Teatro – Nov/2012

Festival Gira-Sola, Ribeirão Preto - Out/2012

Festival de Teatro de Jundiaí – Out/2012

Festival de Presidente Prudente - Set/2012

Temporada na Sede da Cia. Do Feijão - Ago/2012

Festival de Araraquara - Jun/2012

Galpão Arthur Neto – Mogi das Cruzes - Nov/ 2011

Entrevista para o Centro Cultural São Paulo: http://www.youtube.com/watch?v=LBrHBUV2-BA&feature=player_embedded

Clipe da Peça: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=ubb4kenMK9Y

RELEASE

“Um carro colide com outro inúmeras vezes. Nesse carro a esposa, noutra o marido com a amante. A esposa tenta atropelar o marido, o marido agride a esposa. A amante foge, o marido também.”

A partir dessa narrativa, de um fato real ocorrido na rua Vergueiro em São Paulo, “Penélope Vergueiro”, que estreia no próximo dia quatro de agosto, traz à cena toda potência da ação passional e usa o evento para discutir a tênue linha entre amor e desamor e o papel que o feminino ocupa na sociedade hoje.

Em cena, o cotidiano das mulheres recebe uma função elevada de seu caráter simbólico, que se personifica em três mulheres destrinchando aspectos do feminino e os seus desdobramentos. A peça explora as lacunas do tempo, a possibilidade do contato real e constante com o público, ora pela narrativa, ora pela dança, ou ainda, pela simplicidade do ato performático.

DURAÇÃO 60 MINUTOS

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS

FICHA TÉCNICA



Direção e Dramaturgia
CARLOS CANHAMEIRO

Pensamento Corporal e Dança
ANDRÉIA YONASHIRO

Atrizes
ERIKA CORACINI, LÍGIA HELENA, PAULA CARRARA

Iluminação
DANIEL GONZALEZ

Consultoria de Imagem
MONICA ZAHER

CURRICULOS

ERIKA CORACINI - ATRIZ



Formou-se em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo. Mestre pela ECA/USP com a dissertação “Jongo e Teatro: princípios performáticos da festa”. Estudou interpretação no Teatro-Escola Célia Helena, no Teatro Tuca e no Núcleo Experimental do SESI. Participou do CAT – Centro de Aprofundamento Teatral, dirigido por João das Neves. Como contadora de histórias, atuou, escreveu e co-dirigiu o espetáculo “O Reino do Vajucá”. Em parceria com Verlúcia Nogueira, atuou e co-dirigiu os espetáculos “Pequenas Áfricas Brasis” e “Contos para as Estrelas”. Atualmente apresenta os espetáculos “Por que no céu tem tanta estrela?” e “Karingana”, com os quais participou da VII Festival da Arte de Contar Histórias da PMSP em 2011. Como atriz, atuou nos espetáculos “Correspondências”, direção de Beth Lopes, com o qual participou do VIII Festival Internacional de Teatro Universitário de Santiago de Compostella; “Made in Brazil”, direção de Pedro Granato; “O Triângulo: um elogio amoral”, direção de Ézio Magalhães, 2003; “Santa Luzia passou por aqui com seu cavaliño comendo capim”, direção de Georgette Fadel, 2004; “Falatório”, direção de René Piazzentin, 2005; “Hamlet - Canastra Real”, direção de Gabriel Carmona, 2006; “Alembiar”, direção de Rebeca Braia, 2009; “Arapucaia”, direção de Magê Blanques, 2009; “Santa Joana dos Matadouros”, com direção de Zé Renato, 2010; e “Penélope Vergueiro”, texto e direção de Carlos Canhameiro com a Penélope Cia de Teatro, 2011 e “Os Azeredos mais os Benevides”, de Vianninha, direção João das Neves, 2014. Como dançarina e cantora atua no grupo Pé de Zamba, dirigido por Andrea Soares. Como diretora realizou as seguintes montagens: “O Baú Mágico” com a Cia Dacerto, 2005; “Sobre Concreto Sonho” através do projeto Vizinhanças, contemplado pela Lei de Fomento ao Teatro para a cidade de SP, 2011; “Nossa Senhora das Nuvens”, com o Grupo Sopro, 2013 e “Sem Palavras”, com a Penélope Cia de Teatro/2013. Foi professora de jogos teatrais e expressão corporal para associações de terceira idade pelo programa de parcerias do Governo de São Paulo e para crianças da Favela do Sapé pelo programa Ofício Social da Prefeitura de São Paulo. Responsável pela administração do curso de Teatro do Ponto de Cultura da UMES entre 2005 e 2011. Ministrou aulas de voz na EAC – Escola de Artes Cênicas de Santos. Ministra desde 2011 aulas de voz e danças brasileiras na Escola Superior de Artes Célia Helena.

CURRICULOS

LÍGIA HELENA - ATRIZ



30 anos é Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (2004) e atriz formada pelo Núcleo de Formação do Ator da Escola Livre de Teatro (2008). Trabalha como atriz e produtora da Cia. Estrela D'Alva de Teatro desde 2005 tendo participado dos espetáculos "A Hora da Estrela", adaptação da obra de Clarice Lispector, "Alberto Caeiro – Ele Mesmo", do heterônimo de Fernando Pessoa, "Hamlet S.A.", uma criação a partir das obras de William Shakespeare e Heiner Müller, o infantil "A Incrível Batalha pelo Tesouro de Laduê", criação a partir das obras "Horácios e Curiácios", de Bertolt Brecht e "Horácio", de Heiner Müller – que recebeu o Prêmio Femsas de Teatro Infante Juvenil 2009 como Autor Revelação – e de "Ulisses Molly Bloom – Dançando para Adiar", da obra de James Joyce – contemplado pelo Edital de Apoio a Montagem de Espetáculos Inéditos de Teatro pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo em 2011. Integrou, de junho de 2008 a abril de 2009 o Projeto [Tutorial] da Cia. Les Commediants Tropicales como parte do projeto II D. Pedro II e em 2011 o Núcleo Esquadros, do Grupo XIX, sob coordenação de Luiz Fernando Marques, ambos projetos contemplados pela Lei de Fomento ao Teatro do Município de São Paulo. Em 2014 integra o espetáculo do Teatro Casita, "Aventura de Parir Aventura de Nascer" como atriz e dramaturga. Como arte educadora coordena os cursos de teatro dos Colégios Singular e Liceu, no ABC Paulista desde 2006 e desde 2011 atua como artista orientadora no Projeto Vocacional, da Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, tendo orientado grupos no Teatro Zanon Ferrite (2011) e CEU Rosa da China (2013).

CURRICULOS

PAULA CARRARA - ATRIZ



Formada em artes cênicas pela Universidade de São Paulo ECA-USP. Atualmente desenvolve seu projeto de mestrado sob orientação do Prof. Dr. Antonio Januzelli. É diretora dos espetáculos “O Quarto do Barbazul”, contemplado pelo Proac Primeiras Obras, “Lá Fora”, contemplado pelo Prêmio de Valorização às Iniciativas Artísticas (2011) e do exercício cênico “Clarice: em cena”, a partir da obra de Clarice Lispector. Recebe em 2013 o apoio do Ministério da Cultura para participar de um workshop sobre a voz no Centro Roy Hart (França) e em 2008, contemplada pelo mesmo Programa, participa do III Encontro Pedagógico Internacional “Vocis Vocalis” sobre a voz em cena. Como atriz participa do núcleo sob orientação de João das Neves no projeto CAT (Centro de Aperfeiçoamento Teatral – Sinfonia da Metrópole), com os quais apresenta o espetáculo “Conversas e memórias” e “Páginas Soltas”, além do show musical “Movimentos musicais urbanos”. Participa como atriz convidada do espetáculo “Outras Histórias Reais”, direção de Carlos Canhameiro, no Sesc Ribeirão Preto e atua nos trabalhos “(Ver[]Ter)” e “Concílio da Destruição” da Cia. Les Commediens Tropicales. Em 2012 ministra a disciplina “Poéticas do Corpo e da Voz” no curso de graduação em Artes Cênicas da USP como professora convidada. Atua como coordenadora de oficinas na área teatral: Oficina Cultural Oswald de Andrade (2009/2011), Câmara de Cultura de São Bernardo. Atuou na preparação vocal da oficina sobre ‘Figuras do Cavalo-marinho’, coordenada pela Cia. Mundurodá (Residência Artística na Câmara de Cultura – 2010). Coordenou o trabalho de voz das turmas de formandos da Fundação das Artes de São Caetano (T42 e T44) e foi orientadora do Projeto Ademar Guerra, da Secretaria de Estado da Cultura (Grupo ‘Os mamatchas’ de Presidente Prudente – 2010). Realiza workshops com: Christopher Moffett (Núcleo Ausência em Cena 2013), Anatolij Vassiliev (Teatro Del Valle/ Roma – Itália 2012), Thomas Richards (Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards – ECUM Belo Horizonte 2011), François Kahn (O trabalho de Jerzy Grotowski – TUSP 2009), Tatiana Motta Lima (Organicidade em Grotowski – Teatro Laboratório 2008) Jesser de Oliveira (LUME Teatro - 2005), Norberto Presta e Sabine Uitz (Via Rosse Teatro 2006-2008), Sílvia Leblon (Jogando no quintal – 2008), Sandro Borelli (dança-teatro – CCSP 2000).

CURRICULOS

CARLOS CANHAMEIRO - DIRETOR E DRAMATURGO

Produtor, ator, dramaturgo e professor. Mestre em Artes pela Unicamp, onde é também bacharel em Artes Cênicas e graduando em Dança. Integrante fundador da Cia. Les Comédiens Tropicales, que tem mais de seis anos de atividades artísticas, onde criou e produziu os espetáculos: (ver[]ter), O Pato Selvagem, de Henrik Ibsen, 2º d.pedro 2º, com provocação cênica de Fernando Villar; A Última Quimera, com provocação cênica de Georgette Fadel e Verônica Fabrini; CHALAÇA a peça, encenado por Marcio Aurelio. Galvez Imperador do Acre, encenado por Marcio Aurelio. Terror e Miséria no III Reich, de Bertolt Brecht, encenado por Marcelo Lazzaratto. Como dramaturgo escreveu as obras: Concílio da Destruição (finalista do Prêmio Luso-Brasileiro de Dramaturgia/2010), Penélope Vergueiro, Definitivo, Tudo que não pode ser dito precisa ser calado, Ensaio Sobre a Queda, 2º d.pedro 2º, A Última Quimera, CHALAÇA a peça, A Vida Como Ela [Não] É! e Stirkoff. Dirigiu os espetáculos: O Rinoceronte (Cia. Acidental), O Pato, a Morte e a Tulipa (Cia. De Feitos), Penélope Vergueiro, [AMOR em fragmentos] e vozÉquy do brazil, todos em 2011, O Horácio (Cia. Teatro de Riscos), em 2010, Stirkoff em 2003 e A Vida Como Ela [Não] É! em 2002 e fez assistência de direção em Mahagonny (Cia. Acidental) em 2009.

ANDRÉIA YONASHIRO - ASSISTENTE DE DIREÇÃO / PENSAMENTO CORPORAL

Artista, coreógrafa e pesquisadora brasileira graduada em dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e com formação não acadêmica em Artes Visuais. Em 2009 criou a dança Um leite derramado na Bienal Sesc de Dança e o espetáculo Felisdonio na Casa das Rosas. Em 2006 e 2007 trabalhou na criação do espetáculo A Flor Boiando Alem da Escuridão, com direção de Joana Lopes e estreia no Teatro do DAMS, Itália, a convite da curadora Eugenia Casini Ropa. Colabora com os artistas plásticos Flávia Bertinato na obra Solstício (Galeria Virgílio, 2008) e Petter Ballo na obra Ilha do Mel (Galeria Skane Konstforening, 2007, Suécia) assim como inicia a produção dos vídeo dança intitulado Cadência (2009, inédito). Além de seu trabalho autoral, atuou em: Chair-pillow de Yvonne Rainer (2009), Vir a ser, espetáculo dirigido e criado por José Posi Neto, Célia Gouvêa, Chiquinho Medeiros e Mara Borba (2008), Please Send Junk Food, espetáculo da companhia japonesa Yubiwa Hotel (2008). Como pesquisadora, recebeu duas bolsas de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) ao participar da pesquisa intitulada Elementaridades desenvolvida no Grupo Interdisciplinar de Dança e Teatro (GITD) – Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora (NICS), ambos na Unicamp. Seus projetos aprofundaram relações entre Arte e Ciência numa abordagem que relaciona o movimento espontâneo do bailarino a suportes tecnológicos. Como resultados cênicos, apresentou a peça didática Elementaridades (2003) o espetáculo Re (per) curso (2004) de Jônatas Manzolli e Joana Lopes (V Bienal Internacional de Música Eletroacústica de São Paulo (BIMESP), tendo seu trabalho citado na Revista FAPESP de Julho de 2003.

CURRICULOS

DANIEL GONZALEZ - ILUMINAÇÃO

Formou-se em 2006 Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes. Em abril de 2005 foi convidado a integrar o elenco da Cia. Les Commediens Tropicales na qual atua até hoje. Em julho de 2006 estreou no Sesc Santana o espetáculo CHALAÇA a peça adaptação do livro de José Roberto Torero e encenado por Marcio Aurélio, com quem a Cia. já havia trabalhado no espetáculo anterior, Galvez Imperador do Acre baseado no livro de Marcio Souza. Em agosto de 2007 a Cia. Les Commediens Tropicales estreou na Unidade Provisória do Sesc Av. Paulista o espetáculo A Última Quimera provocado cenicamente pelas diretoras Georgette Fadel e Verônica Fabrini. Em 2008 a companhia realizou a Viagem Teatral do Sesi com o espetáculo CHALAÇA a peça. Em 2009 a Cia fez temporada do novo espetáculo, 2º d.pedro 2º contemplado pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro no Teatro Sérgio Cardoso com provocação cênica de Fernando Villar da UnB. Atualmente é professor da Faculdade Paulista de Artes, nas Disciplinas de Interpretação I e Laboratório de Montagem e também leciona desde 2007 na Escola Nacional de Teatro em Santo André. Em 2008 foi assistente de direção de Maurício Abud no Projeto Fábricas de Cultura da Secretaria de Cultura do Estado. Em 2003 dirigiu o espetáculo Ophélia inspirado na dramaturgia de Heiner Muller. Realizou diversos trabalhos como iluminador e operador de luz, Dentre eles: As Alegres Comadres, grupo Hanna, e da Cia De Feitos de Teatro, hoje é o responsável técnico da cia. Les Commediens Tropicales.

A CIA.

Penélope Cia de Teatro iniciou sua trajetória em 2010 com os ensaios de seu primeiro espetáculo Penélope Vergueiro, com direção e dramaturgia de Carlos Canhameiro, que estreou em 2011, no Centro Cultural São Paulo. O espetáculo, inspirado em um incidente presenciado na Rua Vergueiro em 2005, destrincha o acontecimento amoroso e os seus desdobramentos, transformando um fato cotidiano caótico, um acidente de carro, em possibilidades e olhares diversos sobre a mesma mulher e o seu amor vivido.

Desde o início a pesquisa da Cia pautava-se no desejo de explorar os limites da performance no encontro cênico entre palco e plateia, impulsionada pela dança como base de movimento, e pelas narrativas em fragmentos. O espetáculo convida o espectador a vivenciar com os atores a história decomposta em imagens e ações, que o levam a entrar e sair da história. Queríamos investigar a possibilidade de ampliar



os significados das ações e imagens, de maneira que o espectador encontrasse, ele mesmo, os sentidos do que vivenciava ali. A importância que esse processo teve para as integrantes do núcleo acabou por dar o nome atual da Penélope Cia de Teatro. Em 2013, estreamos Sem Palavras, segunda criação da Cia; um espetáculo itinerante criado a partir dos contos "A menina sem palavra" e "A luavezinha", do moçambicano Mia Couto, com dramaturgia de Alexandre Krug. O espetáculo conta a história de um pai, que narra histórias para sua filha, que sempre custa a adormecer, obrigando-o a contar mais e mais histórias. Para fazê-la dormir, inventa-lhe a estória de uma menina que não 'palavreia'. Através de um contínuo contar de histórias, esse pai-narrador se vê aos poucos personagem, envolvido no próprio narrar. Neste processo a Penélope Cia de Teatro quis mergulhar na linguagem de um teatro per-

formativo: por meio de uma linguagem híbrida e imagética, que estabelece diálogos entre o teatro, a dança e o vídeo. A peça acontece de forma itinerante dentro de uma casa e tem o corpo do ator como tônica do trabalho e alimento para a criação de imagens da narrativa em fragmentos, ao mesmo tempo em que uma dramaturgia rica em neologismos (aspecto característico da escrita do autor) dá a estrutura, lançando o estranhamento e um olhar 'novo' sobre as ações, e contrapondo às imagens a energia da palavra – a palavra como movimento.

www.penelopeciadeteatro.com.br